DESSILÊNCIA MARIA!

Escritoras Negras do Recôncavo Baiano

Roteiro final (de montagem)

Documentário de curta-metragem · cor e P&B · 18 min · Santo Antônio de Jesus/BA, 2018

Roteiro e produção: Andrielle Antonia e Amanda Maria

Realização: Trabalho de conclusão do Curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem — IFBA, Campus Santo Antônio de Jesus, 2018.1

Sinopse

O documentário *Dessilência Maria!* tem como principal objetivo dessilenciar, ou seja, quebrar o silêncio imposto às mulheres negras e às suas obras. Por meio das vozes de escritoras e pesquisadoras do Recôncavo Baiano, o filme mostra que existem outras narrativas e outras vozes que, através de suas obras, denunciam práticas racistas, sexistas, gordofóbicas e opressoras.

Ficha técnica

Produção: Andrielle Antonia, Amanda Maria

Assistência de produção: Bruna Gois, Juliana Oiteiro

Abertura: Aline Souza

Dança: Juliana Santos

Ilustrações: Ananda Santana (@srt.as)

Entrevistadas: Daianna Quelle, Isadora Silva, Jovina Souza, Laiana Vieira, Neide Nascimento, Suely Santana

Obras literárias: *O mar (d)e Maraísa II* (Daianna Quelle); *A coisa tá preta* (Isadora Silva); *Seguindo as mais velhas* e *Biografia do meu cabelo* (Jovina Souza)

Convenções

TC – timecode do filme (min:seg) · **PM** – plano médio · **PP** – primeiro plano · **GC** – gerador de caracteres (nome na tela) · **SONORA** – fala de entrevistada · **OFF** – voz sem imagem de quem fala · **BG** – trilha de fundo

ROTEIRO

TC	VÍDEO	ÁUDIO
ABERTURA		
00:00–00:59	Tela preta. Citação introdutória em texto branco, com fade-out: “Desde o período colonial até o pós-emancipação as Mulheres Negras são representadas na Literatura Brasileira como objetos, não como sujeitos. Durante muito tempo a escrita (texto literário e não-literário) se manteve de forma hegemônica, sendo assim, os autores brasileiros através do pensamento hegemônico descreviam em suas histórias as Mulheres Negras na condição de inferiores, subalternas, não-humanas. O pensamento hegemônico reforça os estereótipos literários que, – numa sociedade patriarcal, sexista e racista e na qual a literatura frequentemente reforçou os lugares sociais assinalados ao gênero feminino e às chamadas raças –, não relatam, – e se fazem é de maneira superficial –, o que as Mulheres Negras **pensam ou sentem**.” (Andrielle Antonia)	Silêncio.
00:59–01:03	PP de uma boca, em preto e branco. Título sobreposto: **Dessilência Maria**	Sussurro: “Dessilência Maria!” (voz: Aline Souza).
BLOCO 1 — ONDE ESTÃO AS ESCRITORAS NEGRAS DO RECÔNCAVO?		
01:03–01:41	PM: **Neide Nascimento**, em cenário com painel de colagem afro-brasileira, pote de barro e tecido estampado. GC: *Neide Nascimento*	**SONORA – Neide Nascimento.** Fala da sua trajetória como pesquisadora: na graduação em Letras, participou do projeto *Narradores do Recôncavo* e percebeu que a produção de cordel da região era majoritariamente masculina. A inquietação a acompanhou na seleção do mestrado. Deixa inicial: “Na minha época de faculdade, fiz Letras…” Deixa final: “E as mulheres do Recôncavo, será que elas não escrevem? O que elas estão fazendo com esses escritos?”
01:41–02:02	Animação em stop motion: post-its sobre mesa de madeira. Post-it 1: “A escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, das experiências de vida, das opressões diárias e da ancestralidade.” Post-it 2: “A escrevivência possibilita que as Escritoras Negras representem a si	BG: trilha instrumental.

TC	VÍDEO	ÁUDIO
	mesmas, (d)escrevam sobre si sendo sujeito da própria história para além da literatura.”	
BLOCO 2 — COMO VOCÊ COMEÇOU A ESCREVER?		
02:02–02:32	PM: **Laiana Vieira**. GC: *Laiana Vieira*	**SONORA – Laiana Vieira.** O processo de escrita vem da observação e da criança “que nunca se perde”; começou a escrever na escola sobre o que via ao redor e, depois de criar páginas e blogs, não parou mais. Deixa final: “Tem muito do contato com o que eu vejo no cotidiano mesmo.”
02:32–02:45	PP: **Isadora Silva**. GC: *Isadora Silva*	**SONORA – Isadora Silva.** Escreveu, ainda criança, para dizer o que não encontrava quem escutasse. Deixa final: “…aquilo que crianças não poderiam falar, e que ninguém queria escutar.”
02:45–03:06	PM: **Laiana Vieira**.	**SONORA – Laiana Vieira.** A escrita como chave diante de um sistema que tenta “amarrar” as pessoas. Deixa inicial: “Eu acredito que escrever é algo fascinante…” Deixa final: “…uma forma de a gente despertar e não despertar sozinho.”
03:06–03:38	PM: **Daianna Quelle**. GC: *Daianna Quelle*	**SONORA – Daianna Quelle.** A escrita como desabafo; começou a escrever no ensino médio, incentivada por uma professora de literatura. Deixa inicial: “As pessoas geralmente escrevem para desabafar…”
03:38–06:34	PP: **Jovina Souza**, de turbante e óculos escuros, em cenário com estampa africana. GC: *Jovina Souza*	**SONORA – Jovina Souza.** Na adolescência, escrevia as cartas de amor das colegas; escrever foi também enfrentar mais uma “guerra” entre tantas (fome, machismo, racismo, militância). Fala da formação em teatro, canto e música, e da literatura como paixão e base da sua visão de mundo, desde a biblioteca da escola. Deixa inicial: “Quando eu era adolescente, era eu que fazia as cartas de amor para as minhas colegas…”
BLOCO 3 — O MAR (D)E MARAÍSA II		
06:34–06:41	Transição: imagem de praia (mar, coqueiro).	BG: trilha instrumental.
06:41–08:37	PP: **Daianna Quelle** lê o conto em cena, folha na mão. Enquadramento vertical centralizado, com	**LEITURA – Daianna Quelle.** “Então, eu vou ler *O mar de Maraísa*, e ele é intitulado *O mar de Maraísa II*, porque tem *O mar de Maraísa* em

TC	VÍDEO	ÁUDIO
	laterais pretas.	poema.” “24 de dezembro, celebração do Natal, e o presente de Maraísa: tapas, solavancos e socos na cara! Tentou se justificar, não tinha dinheiro para dar aos meliantes, nem sequer tinha aposentadoria, vivia de pequenos trabalhos e caridades alheias. Resultado de tudo: queimaram a casa de Maraísa. Rasgaram suas vestes, queimaram seus documentos, tiraram sua roupa, cuspiram nos seus cabelos... Depois de 2h15min33s, Maraísa levantou, foi ao hospital, se lavou e decidiu fazer o Mobral. Mês de maio do ano corrente, Maraísa aprendera a colocar o seu nome, a juntar poucas letras, ler pouquíssimas coisas e a costurar. Ouviu anúncios na cidade que o governo dava casas para morar, correu, fez tudo direitinho, a papelada com o auxílio das pessoas da escola. Maraísa, depois de dias de espera, ‘ganhou’ a casa do governo e aí foi só alegria! Estabeleceu sua rotina. Pela manhã aprontava a comida, à tarde costurava com as amigas pra vender e ter sustento. À noite, um dos seus melhores momentos, ia pra escola. Em meio às atividades, aprendeu a versar sobre o seu sofrimento, em alguns momentos lembrava ‘Eulália’, sem nenhuma fama, sem destaques, mas era profundamente entendida por aqueles que conheciam seu caminhar na vida. 24 de dezembro do ano seguinte, era um sábado à tarde e Maraísa, aos 67 anos, realizou mais um sonho, foi ver o mar, um mar todinho para ela, o mar de Maraísa...”
BLOCO 4 — VOCÊ COSTUMA LER ESCRITORAS NEGRAS?		
08:37–09:10	Vídeo-animação: tipografia branca sobre fundo preto, perguntas em sequência: “Você costuma ler ESCRITORAS NEGRAS?” “Você já indicou um livro escrito por uma MULHER NEGRA para alguém?” “Quantas ESCRITORAS NEGRAS você conhece?” “Você sabe por que há pouca participação e visibilidade para as MULHERES NEGRAS na literatura e, também, no cinema (na produção, na direção e no roteiro)?”	BG: trilha instrumental.
09:10–	PM: **Neide Nascimento**.	**SONORA – Neide Nascimento.** Apresenta sua

TC	VÍDEO	ÁUDIO
10:22		pesquisa, *E agora falamos nós: vozes afrodiaspóricas e femininas do Recôncavo Baiano*, e a escrevivência, de Conceição Evaristo: vozes que todas essas mulheres têm, mas que estavam “guardadas, engavetadas”. Deixa inicial: “O meu trabalho é intitulado…” Deixa final: “…de que os outros pudessem escutar, conhecer essas vozes.”
10:22–10:28	Cartela: foto de Conceição Evaristo em P&B com a citação: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (Conceição Evaristo)	BG: trilha instrumental.
BLOCO 5 — VISIBILIDADE E PUBLICIZAÇÃO		
10:28–10:38	Post-its sobre madeira: “VISIBILIDADE” “caráter, condição, atributo do que é ou pode ser visível, ser percebido(a).”	BG: trilha instrumental.
10:38–11:25	PM: **Daianna Quelle**. Insert (10:41–10:47): banner da **Confraria Poética Feminina**.	**SONORA – Daianna Quelle.** Integra a Confraria Poética Feminina; publica quando escreve, participa de coletâneas e antologias; teve um blog, mas não o manteve. A principal forma de publicização é a própria Confraria. Deixa inicial: “Eu faço parte da Confraria Poética Feminina…”
11:25–12:22	Sequência de retratos ilustrados de mulheres negras (ilustrações de **Ananda Santana**, @srt.as), em molduras coloridas.	**OFF – Poema** *Seguindo as mais velhas*, na voz da autora, Jovina Souza. É desconforto querer declaração de amor, se o racismo está em nossa língua. Quero a escrita da palavra censurada em minha fala, sim. Não espero caminhos macios nessa lida, assino a lista dos meus valores e guardo palavras de negras mulheres, vozes libertas juntas em mim. Sou eco dos saberes dessas mulheres, sigo o caminho por elas amaciados fazendo o trabalho, ainda necessário arrancar outros tocos, polir ásperas trilhas.

TC	VÍDEO	ÁUDIO
		Com elas aprendi enegrecer meu pensar, tomar posse do meu ser negro feminino. E tecendo mais um fio dessa luta infinda Vou dizendo quem sou e o que eu sinto. SOUZA, Jovina. *O caminho das estações*. Editora Mondrongo, 2017.
BLOCO 6 — DESSILENCIAMENTO		
12:22–12:47	Post-its sobre madeira: “DESSILENCIAMENTO:” “consiste em arrancar as mordaças que calaram – e ainda calam –, as mulheres negras geração após geração, – bisavós, avós, mães, filhas –.” “Dessilenciar significa romper o silêncio, ecoar no tempo e no espaço através dos gritos de descontentamentos causados pelas proibições, violência de gênero, racismo e sexismo.”	BG: trilha instrumental.
12:47–13:41	Colagem animada de manchetes jornalísticas sobre racismo no Brasil: pichações racistas em banheiro de universidade no RS, racismo no ambiente de trabalho, denúncias de racismo no DF, “O Haiti não é aqui” (Joinville), Atlas da Violência 2017.	**OFF – Poema** *A coisa tá preta*, na voz da autora, Isadora Silva. *A coisa tá preta* “A coisa tá preta” “A coisa tá preta” “A coisa tá preta” NÃO Se a coisa tivesse preta a coisa tava ótima Se a coisa tivesse preta Tinha comida na mesa E irmandade no lar Mas o que tem é fome E falta de lugar para morar Se a coisa tivesse preta Tinham sorrisos nos rostos das crianças Não a tristeza de não poder brincar na vizinhança Se a coisa tivesse preta Tinha discussão de etnia e gênero nas escolas Não um jovem com medo de ser preso Por ser preto e carregar uma sacola Se a coisa tivesse preta Tinham crespos bem altos Sem comentários pejorativos

TC	VÍDEO	ÁUDIO
		Pretos se amando sem os olhares ofensivos Não tinha o cheiro de chapinha Não tinha medo do branco de andar sozinha Não tinha o silêncio das panelas Tinha o som do atabaque A coisa não tá preta Se tivesse preta tava boa O problema é estar branca e moralista Por isso eu grito em alto e bom som FOGO NOS RACISTAS! SILVA, Isadora. *A coisa tá preta*. Facebook, 2017.
BLOCO 7 — REPRESENTATIVIDADE		
13:41–14:07	Post-its sobre madeira: “REPRESENTATIVIDADE” “qualidade de representativo, alguém cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome.” “REPRESENTATIVIDADE NEGRA: mecanismo de luta contra o racismo, o apagamento histórico e o silenciamento.”	BG: trilha instrumental.
14:07–15:44	PM: **Suely Santana**. GC: *Suely Santana*	**SONORA – Suely Santana.** Como professora, trabalha literatura negra de autoria feminina para que estudantes não saiam da formação sem conhecê-la, como aconteceu com ela no Campus V. Não tem o direito de negar a eles o que lhe foi negado. Deixa inicial: “Provavelmente, se eu não trabalhar com literatura negra…” Deixa final: “…quando eu penso em trabalhar com a literatura negra, é nisso que eu penso.”
ENCERRAMENTO — BIOGRAFIA DO MEU CABELO		
15:44–17:00	Cartela: silhueta de mulher negra de cabelo crespo. Título: *Biografia do meu cabelo – Jovina Souza*. Videodança em P&B entre estantes de uma biblioteca (dança: **Juliana Santos**).	**OFF – Poema** *Biografia do meu cabelo*, na voz da autora, Jovina Souza. Meu cabelo é duro, levantado. Meu cabelo é duro, empinado. não molha com pouca água, não fica domesticado. Quando parece macio insurge-se, espetando pra todo lado,

TC	VÍDEO	ÁUDIO
		e, aos relatos brasileiros, acrescenta outros dados. Veio na cabeça de reis, rainhas e, de toda gente preta sabida, honrada. Trouxe cantos, ciência e filosofias Tirou riquezas dos rios, da terra e dos mares, Aquilombou-se para ensinar ao Brasil O valor da liberdade. É cabelo de negro, vem de tempos imemoráveis, morou na cabeça de Zumbi. Viveu na bravura de Dandara. Cada fio era uma espada no quilombo de Palmares. Aprenda, sinhá chapinha, Meu cabelo é duro, é duro é duro, é duro, é valente. Não é de ficar calado. Não é de ficar preso. Tampouco amaciado.
CRÉDITOS		
17:00–17:52	Créditos sobem em tela preta, texto centralizado: **Dessilência Maria!** Produzido por: Andrielle Antonia, Amanda Maria Assistente de Produção: Bruna Gois, Juliana Oiteiro Abertura: Aline Souza Dança: Juliana Santos Entrevistadas: Daianna Quelle, Isadora Silva, Laiana Vieira, Neide Nascimento, Suely Santana, Jovina Souza Ilustrações: Ananda Santana (@srt.as) Poesias: *A coisa tá preta* – Isadora Silva; *Biografia do meu cabelo* – Jovina Souza; *O mar (d)e Maraísa II* – Daianna Quelle; *Seguindo as mais velhas* – Jovina Souza	Sobe som: trecho final da canção *O que se cala* (Douglas Germano), interpretada por Elza Soares, do álbum *Deus é Mulher* (2018), até o fim dos créditos.

TC	VÍDEO	ÁUDIO
	Agradecimentos: ao Núcleo AFROUNEB; aos docentes do curso, na presença de Andrea Barreto, Ivan Márcio, Jean Neri, Jefferson Riccelli, Melquíades Araújo e Pedro Arthur. Produto apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem do IFBA-SAJ, 2018.1. Santo Antônio de Jesus/BA, 2018.	
17:52–18:06	Logotipo do Instituto Federal da Bahia – Campus Santo Antônio de Jesus, sobre fundo branco. Fade out.	Fim da música.